

## A CRÔNICA *LUTO DA FAMÍLIA SILVA* COMO ESTÍMULO À LEITURA NA EJA ENSINO MÉDIO <sup>1</sup>

THE CHRONICLE *LUTO DA FAMÍLIA SILVA* AS ASTIMULUS TO READING AT EJA  
HIGH SCHOOL

Jackeline Lima Gama <sup>2</sup>

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo<sup>3</sup>

### RESUMO:

Este artigo reflete sobre a crônica *Luto da Família Silva*, de Rubem Braga, como estímulo à leitura na EJA Ensino Médio. Pretendemos apontar como a obra pode inspirar a leitura nessa modalidade de ensino, defendendo-a como um caminho para a identificação dos alunos com o texto e para a valorização da leitura. Com esses objetivos, analisaremos a crônica citada por meio do percurso gerativo de sentido proposto pela Teoria Semiótica Greimasiana. Como metodologia, adotamos a pesquisa bibliográfica seguida da análise qualitativa da obra, partindo de autores como Candido (2011), Coutinho (2013), Dubiela (2011; 2013), Failla (2021), Barros (2005), Fiorin (2002) e outros. Em conclusão, entendemos que esta é uma obra significativa para a prática da leitura numa concepção motivadora na EJA Ensino Médio, uma vez que provoca a consciência crítica dos alunos a partir da conexão do texto com situações reais vividas por eles.

Palavras-chave: Crônica; EJA; Rubem Braga; Leitura; Crítica social; Teoria Semiótica Greimasiana.

### ABSTRACT:

This article reflects about chronicle *Luto da Família Silva*, by Rubem Braga, as a stimulus to reading in EJA High School. We intend to point out how the chronicle can inspire reading in this teaching modality, defending it as a way to student identification with the text and to value reading. With these objectives, we will analyze the chronicle cited through the generative path of meaning proposed by the Greimasian Semiotics Theory. As a methodology, we adopted the bibliographic research followed by qualitative analysis of the chronicle, starting from authors such as Candido (2011), Coutinho (2013), Dubiela (2011; 2013), Failla (2021), Barros (2005), Fiorin (2002) and others. In conclusion, we understand that this is a significant chronicle for the practice of reading in a motivating concept in EJA High School, once it provokes the critical conscience of students from the connection of the text with real situations experienced by them.

Keywords: Chronicle; EJA; Rubem Braga; Reading, Social criticism; Greimasian Semiotics Theory.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso *lato sensu* em Licenciatura em Letras Português - EAD do Ifes Campus Vitória.

<sup>2</sup> Graduanda no Curso Licenciatura em Letras Português - EAD do Ifes Campus Vitória. jackelinegama@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora orientadora; Mestre profissional em Letras pelo Ifes. jacimara.cardozo@ifes.edu.br.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura exerce um papel fundamental no desenvolvimento dos indivíduos, em seus valores culturais, formação social e consciência cidadã. No Brasil, ainda é significativa a parcela de jovens e adultos que aprenderam a ler, mas desenvolvem pouca habilidade de interpretação e compreensão de textos, aptidões construídas especialmente pela prática da leitura.

Neste artigo, iremos refletir sobre a crônica *Luto da Família Silva*<sup>4</sup>, de Rubem Braga, como estímulo à leitura na EJA Ensino Médio, entendendo que a estrutura simples e a abordagem cotidiana características desse gênero literário podem provocar a identificação e acionar o interesse de jovens e adultos pela leitura.

Nessa circunstância, como a crônica *Luto da Família Silva* pode inspirar a leitura na EJA Ensino Médio? O problema proposto será analisado no decorrer deste trabalho considerando as particularidades do gênero, o perfil do autor, o caráter social da crônica – que aborda a trágica morte de um trabalhador comum, e as especificidades do próprio aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Observa-se que, com as obrigações da fase adulta, não são incomuns a essa parcela da população abandonar ou sequer desenvolver o hábito da leitura. Compreendemos que quando essa prática não é estimulada na infância, com o incentivo dos pais e da escola, o contato com obras literárias e outras fontes, a rotina de leitura, ou mesmo a satisfação pela leitura, pode ser algo distante para esse público.

Entendemos que Rubem Braga, com um estilo próprio, bem humorado e crítico, consagrado como um dos principais cronistas do século XX, é uma referência que pode despertar o fascínio pela leitura ao ser apresentado em sala de aula. Também acreditamos que a crônica sugerida para o estudo seja capaz de levar os alunos da EJA a se reconhecerem e se identificarem com o enredo, motivo a mais para ampliarem o interesse pela leitura.

---

<sup>4</sup> Ver Anexo A

O objetivo geral deste artigo, portanto, é discutir a crônica de Rubem Braga como recurso motivador à leitura literária na EJA Ensino Médio, tendo como referência a obra de caráter social *Luto da Família Silva*. Diante disso, também temos como objetivos específicos: defender a crônica de Rubem Braga como caminho para a identificação e valorização da leitura e analisar a obra *Luto da Família Silva*, indicando características que despertem os sentidos do texto e o interesse da leitura nos alunos da EJA Ensino Médio, tendo como base a Teoria Semiótica Greimasiana.

Não temos, portanto, a intenção de apontar encaminhamentos didáticos a partir da obra de Rubem Braga e sim de provocar uma reflexão fundamentada na análise da crônica do autor a partir da teoria citada. A escolha pelo público da EJA é, sobretudo, pessoal, visto a identificação particular que temos com temáticas voltadas para a leitura literária na fase adulta, motivada por iniciarmos a prática de leitura de modo tardio. Infelizmente, esta não pode ser considerada uma circunstância isolada, compreendendo muitos jovens e adultos que tiveram pouca influência de pessoas próximas e/ou estímulo para a formação do seu interesse pela leitura.

A predileção pelo autor Rubem Braga, enfim, ocorre por se tratar de um escritor e jornalista capixaba de reconhecimento nacional e que, embora tenha tratado dos mais diversos temas em suas obras, possui crônicas sociais significativas entre suas produções, que podem fazer com que os alunos da EJA se reconheçam nos textos e sejam capazes de gerar o debate crítico em sala de aula.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O COMPORTAMENTO DO LEITOR BRASILEIRO E AS PARTICULARIDADES DA LEITURA NA EJA**

Quem tem o hábito da leitura estimula a própria criatividade, tem a escrita aprimorada, desenvolve o pensamento crítico, entre outros benefícios. Por outro lado, há “[...] uma menor exposição dos indivíduos não leitores a atividades culturais e de lazer, um menor acesso a fontes de informação e, por consequência, um menor repertório para a leitura de mundo”. (LIMA, 2021, p.62)

Lamentavelmente, a realidade brasileira ainda inclui aqueles que sabem ler, mas têm dificuldades para interpretar, compreender ou atribuir sentido a muitos textos, habilidades que são adquiridas com a prática da leitura. Em *Retratos da Leitura no Brasil 5 (2019-2020)*<sup>5</sup>, pesquisa que avalia o comportamento do leitor no país, Failla (2021) aponta que mais de 40% dos 8.076 entrevistados não leem porque têm dificuldades de compreensão.

O mesmo estudo mostrou que 82% dos entrevistados gostariam de ter lido mais, sendo que 47% justificaram não ter lido pela falta de tempo. Também indicou que 26% dos entrevistados assumiram não ter paciência para a leitura e 13% disseram não ter concentração suficiente para ler. (FAILLA, 2021)

Nota-se que as questões apontadas pelos entrevistados: compreensão, paciência, concentração, e mesmo, a falta de tempo, são aptidões ou habilidades que, quando desenvolvidas desde a infância, permitem que a prática de leitura seja descomplicada e prazerosa. Uma vez que a leitura não é estimulada desde cedo e, ao considerar que quase metade dos brasileiros (48%) não são leitores (FAILLA, 2021), percebe-se que o caminho a ser percorrido nesse processo ainda é complexo.

A prática de leitura na Educação de Jovens e Adultos (EJA) possui aspectos que a diferencia de outras etapas do ensino. É fundamental, neste caso, considerar as dificuldades, os obstáculos e as estratégias no desenvolvimento da leitura em alunos da EJA, especialmente na EJA Ensino Médio, formada por estudantes com idades acima de 18 anos.

Segundo Lima (2021), o avanço da idade nos indivíduos no Brasil é inversamente proporcional ao número de leitores. Além disso, após os 40 anos, a quantidade de leitores é superada pela de não leitores. Com as obrigações da fase adulta, muitos alunos da EJA já abandonaram ou sequer desenvolveram o hábito de ler. A escola,

---

<sup>5</sup> A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* é realizada a cada quatro anos, desde 2007, pelo Instituto Pró-Livro, com o objetivo de avaliar o comportamento leitor do brasileiro. A 5ª edição da pesquisa, em parceria com o Itaú Cultural, teve abrangência nacional, entrevistando 8.076 pessoas acima de 5 anos em 208 municípios brasileiros, incluindo todas as capitais. O levantamento ocorreu entre os dias 28 de outubro de 2019 e 13 de janeiro de 2020.

tendo em vista o seu papel na formação do cidadão, pode contribuir para o despertar dessa prática nos estudantes, propondo meios que os aproximem da leitura.

Quando falamos da EJA, levamos em consideração a relevância dessa modalidade de ensino no âmbito da educação e da cidadania daqueles que a integram, como enfatiza Silva, Enoc (2019, p.202) ao afirmar que:

A EJA é importante no contexto educacional brasileiro por adequar as necessidades daqueles que estão fora da escola, garantindo a esses alunos o acesso e continuidade aos estudos, sendo contempladas as funções de reparar e qualificar o cidadão.

Albuquerque, Barroso e Batista (2017) concordam que, por não terem concluído o processo de escolarização no período regular, é importante que a situação de exclusão escolar vivenciada por esses alunos seja reparada durante a EJA.

Nesse contexto, devemos considerar que essa é uma modalidade de ensino com suas particularidades, compreendendo uma grande diversidade de alunos que não tiveram oportunidade de concluir o ensino regular por diferentes motivos, como: a necessidade de trabalhar, reprovações recorrentes ou, no caso das mulheres, a gravidez, os filhos e a exigência de cuidar dos afazeres domésticos.

Esses estudantes buscam a escola para se elevarem socialmente, satisfazendo as necessidades individuais e coletivas, de maneira a se integrarem à sociedade letrada da qual deveriam fazer parte por direito, mas não o fazem plenamente por não dominarem os códigos sociais da leitura e da escrita. Em sua maioria, são trabalhadores que, muitas vezes, iniciaram sua experiência com o trabalho muito cedo. (CARLOS; FORMIGA; INÁCIO, 2019, p.114)

Os alunos da EJA já possuem uma bagagem de conhecimento diversa, acumulada ao longo da vida, que precisa ser respeitada, considerando as experiências e vivências de cada um e valorizando os saberes que trazem. A promoção do aprendizado por meio da problematização de temas próximos ao contexto desses estudantes e de situações cotidianas pelas quais eles estão acostumados a passar pode estimular o envolvimento nas atividades de ensino-aprendizagem.

Carlos, Formiga e Inácio (2019) ressaltam que as chances dos brasileiros que integram a EJA adquirirem livros, frequentarem bibliotecas e criarem vínculos com a

leitura, certamente foram diminuídas devido ao seu afastamento da educação formal, sendo esse um dos motivos para que sejam apresentados a esses estudantes textos com situações comunicacionais mais próximas ao seu contexto.

A prática de leitura para esse público, portanto, deve ir além da leitura pela leitura, compreendendo novas perspectivas e concepções e provocando um novo olhar a esse leitor, de modo que ele perceba os significados contidos nos textos (SILVA, Enoc, 2019). Esse pensamento é compartilhado por Silva, Cristiane (2016, p.24) ao afirmar que “ler não é só ver o que está escrito, é interpretar, decifrar, tomar conhecimento de um texto. E vai além: ler é viajar pelo mundo sem sair do lugar”.

Aos estudantes da EJA, cujas responsabilidades sociais e familiares podem pesar no dia a dia, a leitura possibilita ampliar os horizontes do conhecimento e, ao mesmo tempo, reconhecer e expressar as suas próprias emoções. Ao atribuir significados aos textos, a leitura se torna algo significativo para o aluno, exercitando a sua imaginação, promovendo sentidos ao que está a sua volta e ampliando a sua cultura letrada e o modo como interage com o mundo. Silva, Cristiane (2016, p.36) enfatiza:

Deve sim, a escola, trabalhar a leitura mais pela descoberta do prazer de ler, buscando o leitor adormecido que existe dentro de cada um, proporcionando o encontro com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Afinal, o que é a leitura senão o encontro consigo mesmo por meio das emoções, sentimentos, indagações, reflexões e aprendizado?

É importante, no entanto, que a metodologia de ensino para esta prática também seja diferenciada daquela praticada com crianças ou adolescentes, considerando a cultura, a idade e outras particularidades desse público, como destaca Silva, Enoc (2019, p. 202) ao afirmar que “a EJA além de lançar ao educando cidadania, deve prepará-lo para ser crítico e saber defender seus direitos e responsabilidades diante da sociedade”. Dessa forma, o desenvolvimento de uma leitura crítica será uma das competências imprescindíveis para a construção de leitores mais interessados durante a EJA.

## 2.2 A LEITURA LITERÁRIA E O GÊNERO CRÔNICA

A natureza artística dos textos literários é capaz de envolver e cativar os mais diversos públicos, contribuindo para que a leitura seja fonte de entretenimento e de satisfação. Na percepção de Souza (2020, p.6), quando a leitura se torna uma prática formadora na vida das pessoas é o momento em que ocorre o letramento literário, o qual “[...] não se adquire com a simples leitura do texto, mas quando se há interação, quando são explorados detalhes do texto, quando, na leitura, é estabelecido o diálogo com outros textos, outras obras, e com a própria vida”.

Essa comunicação entre leitor e obra é observada constantemente na leitura de textos literários, capazes de tratar a realidade a partir da ficção apresentando recursos que permitem ao leitor interpretar a realidade e compreender a si mesmo. Candido (2011, p.177) destaca que “a criação ficcional ou poética [...] está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito [...]”. Seja na poesia, no romance, nas crônicas, nos contos ou nas novelas, o texto literário envolve não só a compreensão da obra, como também a experiência vivenciada no ato da leitura. (COELI; MOLINA, 2013)

Candido (2011, p.177) nos atenta ao potencial dos textos literários para atuarem como instrumento de humanização e transformação. Segundo o autor, “a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador [...] A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”.

O caráter humanizador das produções literárias também é percebido por Silva, Cristiane (2016), para quem a prática de leitura nos torna mais humanos e possibilita a compreensão dos comportamentos sociais, das representações e identidade. Coeli e Molina (2013, p.9), por sua vez, afirmam que “[...] a literatura, assim como outras formas de manifestação artística, preenche a necessidade de ficção do homem, possibilitando-lhe por meio da palavra, a re-criação e re-invenção do universo”.

Compreendemos que o estímulo à leitura centrado na experiência literária torna essa prática mais prazerosa, promovendo a interação entre o texto e o leitor e entre este e o seu próprio contexto. Também concordamos com Silva, Cristiane (2016, p.127), para

quem “[...] a leitura deve ser vista como algo que é motivado pela vontade da descoberta, do aprender, do compartilhar ideias e experiências vivenciadas e de que não pode ter conotação obrigatória [...]”.

Para fundamentar essa ideia escolhemos analisar o gênero crônica, mais especificamente, a crônica social *Luto da Família Silva*, de Rubem Braga, como forma de inspirar a leitura na EJA Ensino Médio. Consideramos para a escolha do gênero, principalmente, a linguagem simples e próxima ao cotidiano das pessoas, em geral, bem semelhante à oralidade.

No Brasil, esse gênero de natureza híbrida, entre o jornalismo e a literatura, ganhou notoriedade a partir da segunda metade do século XIX, sendo publicado nos folhetins dos jornais. Dubiela (2013) sintetiza com detalhes como foi a trajetória e os desafios enfrentados pela crônica no país até ganhar, de fato, o *status* de gênero literário:

Extrapolando os limites da região Sudeste, a voz da crônica, tímida figurante de fundo de palco, aos poucos, toma de assalto o espetáculo, encanta o público e garante um lugar na cena literária brasileira. Para além da dificuldade dos teóricos em classificá-la, aquela forma coloquial de traduzir o cotidiano, misturada entre receitas de bolo, dicas de beleza e capítulos de romances seriados, não era vista como literatura. Era algo que se moldava como barro, entre a poesia, o conto e o ensaio, entre o fazer jornalístico e o literário. Nasceu com um hibridismo crônico, desenvolveu-se, assumiu a ambiguidade e, enfim, ganhou o status de gênero literário [...]. (DUBIELA, 2013, p.67)

Para Santos (2016, p.47), as crônicas brasileiras têm suas particularidades, com expressão de “sentimentos próprios do universo cultural e social do país” e uma variedade de estilos que vai do engraçado ao poético, revelando o “momento histórico, social e cultural de um povo”. Segundo o autor:

[...] a crônica poderá ser um gênero que desperte o gosto pela leitura no aluno, uma vez que ela é o retrato do cotidiano numa linguagem literária, que vai de temas sobre esportes e fatos policiais até os acontecimentos mais triviais do dia a dia de uma pessoa. (SANTOS, 2016, p.47)

Santos (2016, p.85) acrescenta que “a crônica proporciona ao aluno uma visão mais abrangente, que vai além do fato, mostrando de ângulos diferentes os acontecimentos banais que ocorrem em nossa vida, mas escapam de nossa observação crítica”.



Considerando o perfil dos estudantes da EJA Ensino Médio, com idades variadas, formação tardia, diferentes histórias de vida e contextos socioculturais, esse olhar abrangente e crítico da crônica tem uma grande relevância para ampliar o conhecimento de mundo dos estudantes, de forma que eles tenham uma participação mais ativa nas diferentes esferas sociais das quais já fazem parte.

Coeli e Molina (2013, p.12) chamam a atenção para a importância da EJA nesse contexto, por oferecer “possibilidades diversas de saberes, práticas e vivências”, além de construir “autonomia nos processos de leitura” com os estudantes. As autoras declaram:

A educação de jovens e adultos é um direito educacional que deve proporcionar aos educandos possibilidades diversas de saberes, práticas e vivências, objetivando a construção de sujeitos e cidadãos capazes de compreenderem a sociedade em que vivem, compreenderem a si mesmos e as relações que estabelecem. Para isso, faz-se necessário construir com eles a autonomia nos processos de leitura que vivenciam em seu cotidiano ou em quaisquer situações em que precisarem se envolver com a leitura. (COELI; MOLINA, 2013, p.12)

O cronista, ao retratar o cotidiano mais próximo das pessoas, pode ser comparado ao amigo, ao confidente ou ao desconhecido com quem conversamos em algum lugar aleatório. O tema da conversa, no entanto, embora possa parecer trivial, traz uma reflexão e um pensamento crítico da realidade.

Blasque e Pinho (2013) comparam o escritor de crônicas a um fotógrafo, que registra o dia a dia, investiga e transforma as situações corriqueiras em fatos significativos. As autoras frisam que “o cronista deixa transparecer, em seu texto, marcas de sua criticidade, de sua visão particular do mundo e dos acontecimentos” (BLASQUE; PINHO, 2013, p.72). Já Coutinho (2013) afirma que o cronista literário se torna o porta-voz dos sentimentos do homem comum, registrando episódios que anteriormente não pertenciam à historiografia convencional.

São esses fatos, marcas, visões, entrelinhas, muitas vezes tratados com ironia e humor, que fazem da crônica um gênero que seduz e encanta tantos leitores. A linguagem informal e simples é adequada e oportuna para atrair a atenção e o interesse dos alunos da EJA, mas são as ideias e os sentidos ali presentes – algumas

vezes bem perceptíveis, outras vezes mais ocultos – que irão prendê-los e impulsioná-los à leitura, sendo, quem sabe, o ponto de partida para a formação de um leitor mais motivado e crítico com o texto.

### 2.3 A CRÔNICA SOCIAL DE RUBEM BRAGA

Para que um texto literário sirva de inspiração para outras leituras é importante que a obra mantenha um diálogo com o leitor, de modo que este se reconheça em seu enredo e sinta que o texto esteja conectado com a sua realidade durante a experiência de leitura. Aos alunos da EJA, que dispõem de uma vivência acumulada e, muitas vezes, de uma dura realidade cotidiana, a crônica de caráter social trará correspondências que certamente os levarão a se identificarem com o texto e seu contexto.

O escritor e jornalista capixaba Rubem Braga foi um dos principais autores do gênero crônica no Brasil e, embora tenha produções que exploraram diversos temas, possui crônicas sociais significativas<sup>6</sup>. Nascido em 1913 na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, na região Sul do Espírito Santo, o cronista se mudou para o Rio de Janeiro para completar os estudos secundários e foi lá que viveu grande parte da sua vida.

Em suas crônicas, Rubem Braga usa de ironia ácida, inversão de sentidos ou mesmo de um cinismo politicamente incorreto. Seus textos com temática social apresentam, entre outros assuntos, o processo de desumanização nas grandes cidades, o preconceito racial, a vida suburbana, a repressão policial, a pobreza, a precariedade dos serviços públicos, a situação econômica do país e a exploração da classe operária e do campesinato. (RIBEIRO, 2013)

A preocupação social de Rubem Braga ficou registrada em crônicas, como: *Animais sem proteção*; *A empregada do Dr. Heitor*; *Mistura*; *Recife, tome cuidado*<sup>7</sup>; *Morro do isolamento*<sup>8</sup>; *O homem do quarto andar*; *A lira contra o muro*; *Os mortos de Manaus*;

---

<sup>6</sup> A crítica social em Rubem Braga e na crônica em foco é assunto do livro *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos – uma leitura da crítica social em Rubem Braga* (Edufes, 2007), da professora e jornalista Ana Karla Dubiela, cuja leitura recomendamos para um maior estudo do tema.

<sup>7</sup> Ver Anexo B

<sup>8</sup> Ver Anexo C

*Subúrbios; Luto da Família Silva*; entre muitas outras; que fazem uma forte crítica às injustiças da sociedade da época, e que também sugerimos a leitura.

Em *Recife, tome cuidado*, por exemplo, o tema da desigualdade econômica e social presente na cidade de Recife fica evidênte quando exposto por Braga em trechos, como: “É tardinha, o trabalho acabou na cidade. Os filhos da lama voltam para a lama. [...] São operários e operárias, são retirantes que não encontraram trabalho e que apodrecem na lama”.

O mesmo ocorre em *Morro do isolamento*, em que o cronista manifesta, de modo muito notório, a miséria humana presente na sociedade carioca da década de 30, como observado no trecho: “Os homens bebem porque precisam ficar tontos. Todos, às vezes, precisam ficar bêbados, e por isso bebem. Quando as mulheres dos homens ficam desesperadas elas despejam querosene na roupa e se matam com fogo”.

Parte do acervo de Rubem Braga se encontra hoje na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, depois de serem doados por familiares. Uma parcela significativa da produção do autor ocorreu em um ambiente político instável, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas e a Ditadura Militar. Nesse período, Braga testemunhou o amadurecimento da crônica e viu crescer o número de escritores que se dedicaram ao gênero.

Por seu perfil questionador e pela produção de crônicas contra o regime, o escritor chegou a ser perseguido e preso, embora brevemente, pela ditadura Vargas. Vergara (2014) afirma que as obras de Rubem Braga demonstram o desafio trazido pela complexidade ideológica do período aos escritores, intelectuais e jornalistas. Os temas tratados pelo autor, no entanto, apresentam-se extremamente atuais, considerando o caráter atemporal e universal que Braga conferiu aos textos. Segundo Vergara (2014, p.83):

O cronista estava atento aos que se encontravam à margem da sociedade e, em diversas oportunidades, tratou dos simples e humildes sempre esquecidos. Na visão de Braga, os sujeitos anônimos eram os que maior valor tinham na sociedade, mesmo que os próprios não se dessem valor algum.

O escritor se destacou por imprimir um grande lirismo às suas crônicas, sobressaindo-se de outros cronistas da época (VERGARA, 2014), sendo reconhecido pelos críticos literários, de um modo geral, como um cronista lírico que também fazia crítica social. Coutinho (2013, p.85) afirma que Rubem Braga foi “o único escritor brasileiro que entrou para a história da literatura exclusivamente<sup>9</sup> como cronista, dando grande impulso ao gênero”. E destaca que, devido à variedade de temas que compõe a sua obra, o autor cativa leitores de todos os tipos.

A técnica de Braga é dar aparência de pouco apreço aos fatos do mundo real, escolhendo-os como pretexto para a divagação pessoal [...] E este lirismo é a expressão de sua apreensão do cotidiano, impregnado de sentimento, de emoção [...] e vai mergulhando a fundo nos sentimentos dos homens, chegando a tecer muitas vezes críticas sociais contundentes. (COUTINHO, 2013, p.94)

Na visão de Dubiela (2011, p.30), ao lado de nomes como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, “a crônica vira poema em prosa” nas mãos de Rubem Braga. A autora pontua, no entanto, que a evolução da crônica de Braga não é observável apenas por seu lirismo em prosa, mas por sua postura diante dos acontecimentos de seu tempo. Dubiela (2013, p.69) acentua que “o tom de crítica social em seus textos é constante e, embora através de personagens anônimos e alguma dose de ficção, é a realidade crua das ruas e de seus habitantes que seus textos retratam”.

Para Blasque e Pinho (2013), as obras de Rubem Braga compreendem lirismo, reflexão, humor, melancolia, revelando um olhar profundo sobre o ser humano. “Rubem Braga vai do simples dialogismo com um leitor hipotético até ao despistamento temático [...] escreve sobre um tema, ou subtema, e conduz o leitor a outro tema mais complexo, embora nem sempre percebido”. (BLASQUE; PINHO, 2013, p.77)

Seja pelo lirismo, pela natureza social ou pelo caráter humano, o fato é que as crônicas sociais de Rubem Braga sensibilizam o leitor ao tratarem questões que diariamente o aflige no que toca às relações humanas e sociais. Ao expor os problemas de ordem

---

<sup>9</sup> Rubem Braga também atuou como repórter de jornal e escreveu poemas, reunidos na obra Livro de versos, que contém 14 poesias escritas por ele entre 1938 e 1963. CATANI, Afrânio. A poesia de Rubem Braga. Site A terra é redonda. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/a-poesia-de-rubem-braga/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

social e seus dilemas, o autor leva a sua literatura mais próxima às experiências de vida de seus leitores.

#### **2.4 LUTO DA FAMÍLIA SILVA: UMA CRÔNICA QUE PERMANECE ATUAL**

A crônica *Luto da Família Silva*, de Rubem Braga, escolhida para fundamentar este artigo, integra o primeiro livro do autor: *O conde e o passarinho*, publicado em 1936. Relatando a morte trágica de um trabalhador comum, essa obra recorre a uma situação, à primeira vista, cotidiana na vida do brasileiro mais humilde, para levar à mente do leitor mais atento uma série de reflexões sobre as diferenças e as injustiças sociais pelas quais a classe trabalhadora mais pobre enfrenta em seu dia a dia.

Os dilemas apresentados no texto, que se passa na década de 30, se mostram extremamente presentes e atuais nos dias de hoje, com debates de temas que fazem parte da realidade dos alunos da modalidade EJA Ensino Médio e uma profunda ideologia, no sentido de conduzir a uma reflexão crítica sobre a realidade vivida pela classe trabalhadora e levar à consciência social.

Candido (2011, p.182) já sugeria que “há na literatura níveis de conhecimentos intencional [...] é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc.” Assim, o desafio do entendimento da obra está na compreensão das intenções que não estão explícitas, mas podem ser percebidas com uma análise mais cuidadosa do texto.

Identificar e compreender os discursos que se manifestam no texto são habilidades desenvolvidas por meio da leitura, e que, muito positivamente, contribuem com a intelectualidade e a autonomia humana. Silva, Cristiane (2016, p.32) ressalta que “[...] com o aprimoramento da leitura, numa perspectiva ideológica e crítica, o aluno torna-se agente de sua aprendizagem, determinando ele mesmo a continuidade desse processo, numa fiel evolução cultural e social”. Failla (2021, p.3) acrescenta que “a leitura é libertadora e promove o protagonismo no acesso ao conhecimento e à cultura. Ela transforma, informa, emociona e humaniza”.

Na visão de Pereira (2013, p.17), a crônica *Luto da Família Silva* “promove uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais existentes, reafirmando o seu propósito social de ser reflexo do comportamento das pessoas”. O autor classifica esta crônica como argumentativa, uma vez que Rubem Braga “apresenta seu ponto de vista, por meio de argumentos ou comentários, acerca da situação marginalizada dos indivíduos pertencentes à família Silva”. (PEREIRA, 2013, p.17)

A partir da análise da crônica, esperamos indicar aspectos que estimulem o envolvimento de alunos da EJA Ensino Médio com a leitura, buscando o seu protagonismo como leitor, uma vez que essa crônica traz características que permitem explorar as suas experiências de vida, trabalhar a leitura numa concepção crítica e mostrar a conexão do texto com situações reais vividas por eles.

Possibilita ainda transmitir a mensagem de que a leitura pode ser fonte de prazer e conhecimento de mundo. Isso significa, especialmente, mostrar aos alunos que eles podem adentrar o universo ficcional e seu ambiente lúdico, sem esquecer da conexão existente entre esse universo e a própria vivência real, com o entendimento de que eles, como leitores, também fazem parte da história.

Dessa forma, consideramos importante buscarmos uma forma de organizar o processo de mediação da leitura, de modo que o aluno tenha consciência de que realmente entendeu o sentido do texto. Diante da necessidade de compreender como o sentido do texto foi construído e o percurso feito pelo autor para a produção desse sentido, sugerimos o uso da Teoria Semiótica Greimasiana como um dos caminhos para essa mediação organizada.

## **2.5 A SIGNIFICAÇÃO DO TEXTO A PARTIR DA TEORIA GREIMASIANA**

Para analisar a obra *Luto da Família Silva*, tomaremos como base a Teoria Semiótica Greimasiana, de origem francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, a qual estudamos a partir de Fiorin (2002) e Barros (2005). Na concepção de Barros (2005, p.11), “a semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”.

Na semiótica greimasiana, ou semiótica discursiva, a atenção principal está na produção de sentido do texto. Essa teoria tem o propósito de estudar o percurso gerativo do sentido, descrito por Fiorin (2002, p.17) como “uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo”. Em outras palavras, o percurso gerativo de sentido é o caminho pelo qual o sentido do texto é construído.

Além de ser compreendido como objeto de significação, nesta teoria, o texto é caracterizado como objeto de comunicação, que “precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido” (BARROS, 2005, p.8). Os sentidos do texto são explicados pela análise de seu plano de conteúdo e “o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas”. (BARROS, 2005, p.8)

Por meio da semiótica greimasiana, é possível analisar um texto a partir de três níveis ou etapas, ajudando o leitor a compreender os efeitos de sentido produzidos pelo texto. O primeiro nível é o profundo (ou fundamental), que contém as categorias semânticas que são a base da construção de um texto; o segundo, denominado nível narrativo, é onde ocorre uma narrativa organizada pelo prisma de um sujeito e marcada por uma transformação. O último nível é o discursivo, marcado pela apropriação da narrativa pelo sujeito da enunciação e pela materialização das formas abstratas do nível narrativo.

A semiótica discursiva trabalha dentro de uma oposição semântica, em que geralmente há um conflito implícito. Fiorin (2002) destaca que em cada um dos níveis do percurso gerativo de sentido existe um componente sintático e um semântico, em que a sintaxe se contrapõe à semântica. Simultaneamente, diferentes empregos semânticos podem ser utilizados numa mesma associação sintática. Desse modo, “o sentido da frase depende do sentido do texto”. (BARROS, 2005, p.11)

No nível fundamental do percurso gerativo de sentido se estabelecem as relações de oposição do texto denominadas de euforia e disforia. Há neste nível oposições de

valores com traços comuns, em que a euforia seria um valor positivo e a disforia um valor negativo (Ex: vida x morte / riqueza x pobreza). Apenas por meio do texto é possível mostrar se determinado conceito possui um valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico). Esta é a esfera inicial do percurso gerativo de sentido, que busca ilustrar os níveis mais complexos e “abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso”. (FIORIN, 2002, p.20)

O nível narrativo é marcado por um estado inicial, uma transformação (narratividade) e um estado final. Barros (2005, p.11) destaca que, neste patamar, “não se trata mais de afirmar ou negar conteúdos [...], mas de transformar, pela ação do sujeito [...]”. Assim, há dois tipos de discursos do sujeito: o enunciado de estado, em que se encontram as ações e os estados (disjunção e conjunção) e o enunciado de fazer, que mostram as transformações de um estado a outro.

Este nível estrutura-se ainda em quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção. A manipulação é a fase em que um sujeito age sobre outro, podendo ocorrer por tentação, intimidação, provocação ou sedução. Na competência, “o sujeito que vai fazer a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer” (FIORIN, 2002, p.23), ou, como descreve Barros (2005, p.29), “a competência é o programa de doação de valores modais ao sujeito de estado, que se torna, com essa aquisição, capacitado para agir”. Já a performance é o momento em que ocorre a transformação central da narrativa. Por último, a sanção é a etapa em que a performance se confirma e em que o sujeito produtor da transformação é reconhecido.

O terceiro e último nível do percurso gerativo de sentido, o nível discursivo, é o lugar de manifestação das estruturas narrativas, onde as formas abstratas do nível narrativo ganham forma e o discurso se torna concreto. Barros (2005) afirma que esse é o nível mais superficial do percurso e o mais próximo da manifestação textual, onde as estruturas discursivas, apesar de serem mais específicas, são mais complexas semanticamente quando comparadas com as estruturas narrativas e as fundamentais.

Nesta etapa, as predileções do sujeito da enunciação, tais como de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, entre outras, são o que transformarão a narrativa em um



discurso. As oposições fundamentais passam a se manifestar na forma de temas e a se concretizar por meio de figuras. As figuras remetem a algo do mundo natural, enquanto o tema é de natureza abstrata. (FIORIN, 2002)

Dessa forma, a coerência semântica dos discursos é garantida por meio dos percursos figurativos (representativo) e temáticos (interpretativo), que criam os efeitos de sentido dos textos. Os percursos são formados pela recorrência de traços semânticos – termos que compartilham características em relação aos seus significados, o que, em análise do discurso, é chamado de isotopia.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Para a produção deste artigo, partimos de uma pesquisa bibliográfica em trabalhos desenvolvidos por autores como Coeli e Molina (2013), Coutinho(2013), Dubiela (2011; 2013), Failla (2021), Lima (2021), Santos (2016), Souza (2020), Vergara (2014) e outros, para fundamentar os principais pontos abordados no trabalho, como o panorama da leitura no Brasil, as particularidades do público e da leitura na EJA, a leitura literária e o gênero crônica, a crônica social de Rubem Braga e a crônica *Luto da Família Silva*.

Ao mesmo tempo, desenvolvemos uma abordagem qualitativa, uma vez que propomos a análise da crônica *Luto da Família Silva*, de Rubem Braga, como uma das contribuições originais ao que já foi publicado sobre o tema, optando pela análise de conteúdo, sem pesquisa de campo. Nesta etapa, tomamos como base a Teoria Semiótica Greimasiana, utilizando obras de Barros (2005) e Fiorin (2002) como referência bibliográfica.

Assim, estudamos o percurso gerativo de sentido da crônica *Luto da Família Silva* para compreender o caminho pelo qual o sentido foi construído no texto, indicando aspectos que permitam aos alunos da EJA Ensino Médio criar conexões do conteúdo da crônica com suas vivências. Esperamos, dessa forma, que esse público seja levado para além do que é perceptível, à primeira vista, no texto, explorando as suas próprias experiências para fazer da prática da leitura algo mais prazeroso.

Em síntese, a partir da pesquisa bibliográfica reunimos concepções e pontos de vistas de diferentes autores a respeito da crônica de Rubem Braga e de como ela pode inspirar a leitura na EJA Ensino Médio. Em seguida, trabalhamos a análise qualitativa do texto de Rubem Braga a partir da crônica *Luto da Família Silva*, refletindo sobre o seu conteúdo com base na Teoria Semiótica Greimasiana, na perspectiva de que essa crônica seja uma possibilidade para que o público da EJA Ensino Médio se identifique com o texto, produza sentidos e aumente o interesse, a motivação e o prazer pela leitura.

#### **4 ANÁLISE À LUZ DA TEORIA SEMIÓTICA GREIMASIANA**

Este artigo busca apresentar possíveis razões para que a crônica *Luto da Família Silva*, de Rubem Braga, possa produzir sentido e inspirar a leitura em alunos da EJA Ensino Médio. Por meio da análise linguístico-discursiva da obra, procuramos observar aspectos do texto que levem à compreensão da sua essência.

Entendemos que *Luto da Família Silva* é um caminho potencial para que os alunos da EJA Ensino Médio ampliem o reconhecimento e a valorização da leitura como fundamental para a formação humana, para a formação crítica e para que possam circular e se relacionar com sucesso por esferas sociais variadas e em diferentes situações de comunicação.

O texto utilizado como referência neste artigo foi retirado de um volume de 1982, que reúne os dois primeiros livros de Rubem Braga: *O conde e o passarinho* (1936) e *Morro do Isolamento* (1944). Na apresentação do volume, Braga (1982) afirma que as crônicas não sofreram alterações em detrimento das versões originais, passando apenas por revisão ortográfica.

Como sugerido pelo próprio título, *Luto da Família Silva* tem, à primeira vista, a morte e o conseqüente luto como temas principais. Quem morre é um trabalhador: João da Silva. O falecimento de um Silva, entretanto, é utilizado por Rubem Braga para provocar reflexões no leitor sobre as injustiças sociais e a realidade dos cidadãos mais pobres.

O título da crônica já traz a primeira reflexão, uma vez que o luto, ou seja, a situação de dor, de tristeza, é da família de sobrenome Silva, que, na memória popular brasileira, é um sobrenome associado às famílias mais humildes. A crônica inicia com o relato da morte de João da Silva, encontrado em uma poça de sangue sobre uma calçada, vítima de hemoptise (tosse com sangue, comum em casos de tuberculose). Apesar de a assistência ter sido chamada, ele já estava morto.

O acontecimento é descrito em frases curtas, de modo objetivo, como uma mensagem apressada, sugerindo algo corriqueiro ou que não merecesse mais detalhes. O narrador faz questão de ressaltar que leu o episódio na seção dos "Fatos Diversos" do *Diário de Pernambuco*, o que já diminuiu a importância da morte de João da Silva, visto que sua morte foi publicada em um espaço onde qualquer assunto poderia ser noticiado. Ironicamente, João era morador da Rua da Alegria, o que contrasta com a tristeza de sua morte e da sua própria vida.

Neste trecho é possível observar a intertextualidade<sup>10</sup> da crônica de Rubem Braga com a obra *Poema tirado de uma notícia de jornal*<sup>11</sup>, de Manuel Bandeira, publicada no jornal carioca *A Noite* poucos anos antes, em 1925, e consagrado no livro *Libertinagem*, lançado em 1930. O protagonista de Bandeira, também chamado João, morre afogado na Lagoa Rodrigo de Freitas após uma noite de bebedeira, canto e dança. Esse João, no entanto, não possui sequer sobrenome, sendo apelidado de "João Gostoso", e mora no morro da Babilônia, num barracão sem número, em que a expressão "sem número" sugere a invisibilidade do personagem.

A partir do segundo parágrafo, *Luto da Família Silva* "promove uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais existentes, reafirmando o seu propósito social de ser reflexo do comportamento das pessoas". (PEREIRA, 2013, p.17). Também retoma períodos da história do país para enfatizar que "os Silva" sempre se fizeram presentes: "Quando o Brasil foi colonizado, nós éramos os degredados. Depois fomos os índios. Depois fomos os negros. Depois fomos imigrantes, mestiços".

---

<sup>10</sup> "A intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade." (KOCH; ELIAS, 2008, p.86).

<sup>11</sup> Ver Anexo D

Neste trecho, também fica evidente que Silva não é um sobrenome de tradição, em oposição aos Crespi, Matarazzo, Guinle, Rocha Miranda, Pereira Carneiro, considerados pelo narrador como detentores de “sangue azul”, expressão utilizada para se referir aos socialmente privilegiados, pertencentes à aristocracia, com uma posição social superior.

Relacionando “os Silva” ao trabalhador pobre, o discurso do narrador em *Luto da Família Silva* se volta às diferentes representações da classe trabalhadora, em um despertar para a consciência social desse operário, de modo que compreenda a importância do seu papel na sociedade:

A gente de nossa família trabalha nas plantações de mate, nos pastos, nas fazendas, nas usinas, nas praias, nas fábricas, nas minas, nos balcões, no mato, nas cozinhas, em todo lugar onde se trabalha. Nossa família quebra pedra, faz telhas de barro, laça os bois, levanta os prédios, conduz os bondes, enrola o tapete do circo, enche os porões dos navios, conta o dinheiro dos Bancos, faz os jornais, serve no Exército e na Marinha. Nossa família é feito Maria Polaca: faz tudo. (BRAGA, 1982, p.100-101)

Mais uma vez, podemos relacionar a crônica a outras obras brasileiras, especialmente da cena musical, como as canções Construção<sup>12</sup>(1971), de Chico Buarque; Cidadão (1979), de Lúcio Barbosa – conhecida nas vozes de Zé Geraldo e Zé Ramalho; e Rap do Silva (1995), de Bob Rum.

Todas lançadas após *Luto da Família Silva*, essas obras também retratam a vida deplorável de trabalhadores pobres, em meio ao preconceito, à discriminação e aos problemas sociais. Destacam o papel social desse mesmo operário e sua importância nas transformações sociais, econômicas e políticas.

O último trecho de *Luto da Família Silva*, momento de despedida do narrador à João da Silva, demonstra, mais uma vez, o fim miserável do trabalhador: enterrado em uma “vala comum”. Brota, no entanto, um sentimento de esperança, que entendemos ser do narrador e do próprio Rubem Braga, quanto à possível ascensão da classe trabalhadora, como observado na última frase da obra: “Porque nossa família um dia há de subir na política...”.

---

<sup>12</sup> Ver Anexo E

Essa reflexão final potencializa na mente do leitor todas as observações feitas anteriormente em relação às desigualdades sociais que já começam pelo sobrenome, que define a classe social a qual uma pessoa pertence. A dose de esperança no final da crônica chama ao inconformismo perante o *statu quo*<sup>13</sup>, buscando a reflexão do leitor sobre sua própria realidade e sobre as práticas sociais transformadoras.

#### **4.1 O PERCURSO DO SENTIDO PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA E ESTÍMULO À LEITURA**

Ao considerar a Teoria Semiótica Greimasiana para analisar a obra *Luto da Família Silva*, observamos que, no nível das estruturas fundamentais, o sentido da crônica se constrói a partir de oposições semânticas, como: morte X vida; marginalização (pobreza) X ascensão social (riqueza); Silva X Crespi/ Matarazzo/ Guinle / ...; tristeza (luto) X alegria; sangue vermelho X sangue azul.

Com traços comuns, as oposições de valor positivas ou eufóricas são aquelas relacionadas à ascensão social (riqueza), ao sangue azul, à alegria e às famílias de raiz aristocrática, representadas pelos sobrenomes Crespi, Matarazzo, Guinle, Rocha Miranda e Pereira Carneiro.

Há, portanto, a negação da marginalização (pobreza) e da tristeza vindas com o sobrenome Silva, e a afirmação da ascensão social (riqueza) e da alegria proporcionadas pelos sobrenomes Crespi, Matarazzo, Guinle etc. Para exemplificar, uma oposição eufórica X disfórica presente na crônica está no trecho: “Você não possuía sangue azul. O sangue que saía da sua boca era vermelho”.

No nível narrativo, observamos que o sujeito da enunciação, representado na crônica pelo narrador, busca agir sobre os Silva e provocar uma transformação por meio do seu discurso. Neste nível, há o enunciado de estado (estado atual), ou seja, os Silva são pobres e marginalizados: “Não temos a mínima importância. Trabalhamos,

---

<sup>13</sup> Statu quo: Condição de alguém ou estado atual de alguma coisa. Estado ou circunstância que se mantém igual ou do modo como estava antes de alterações. DICIO. Dicionário Online de Português. Significado de Statu quo. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/statu-quo/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

andamos pelas ruas e morremos.”; e o enunciado de fazer (transformação), quando o narrador sugere que os Silva podem ascender socialmente: “Porque nossa família um dia há de subir na política...”. Nesse caso, a relação do sujeito se mostra conjunta com a ascensão social (riqueza) e disjunta com a marginalização (pobreza).

Considerando as fases da narrativa, a crônica *Luto da Família Silva* apresenta a manipulação por meio da provocação, quando o narrador insinua que, se os Silva nada fizerem, acabarão mesmo dentro de uma vala: “Apesar disso, João da Silva, nós temos de enterrar você é mesmo na vala comum. Na vala comum da miséria.”.

A competência dos Silva, ou seja, a sua capacidade de agir, aparece em trechos, como: “A gente de nossa família trabalha nas plantações de mate, nos pastos, nas fazendas, [...], em todo lugar onde se trabalha”. Os Silva, no entanto, apenas recebem a ação de uma elite representada pelas famílias de tradição aristocrática, sem se atentar à diversidade de papéis e lugares em que podem reconhecer a sua capacidade de agir.

A performance, momento de transformação, é apenas sugerida na crônica, no trecho: “Porque nossa família um dia há de subir na política...”, uma vez que, a mudança de fato não ocorre na narrativa. Já a sanção, quando a performance deveria se confirmar, fica à escolha do leitor, já que a performance não se cumpre efetivamente dentro da crônica, ficando apenas a incitação do sujeito da narrativa.

#### **4.2 NÍVEL DISCURSIVO: ONDE O DISCURSO SE TORNA CONCRETO**

As escolhas narrativas de Rubem Braga, em *Luto da Família Silva*, fazem com que as formas abstratas do nível narrativo se tornem concretas no terceiro nível do percurso gerativo de sentido. Aqui, por meio da concretização dos valores semânticos, também se manifesta a ideologia transmitida pelo autor, no sentido de levar à reflexão crítica e à consciência social, com vistas à transformação e à ascensão social.

Notamos, no nível discursivo, que a oposição fundamental *marginalização (pobreza) X ascensão social (riqueza)* ganha sentido por meio do tema “a ascensão social a partir do reconhecimento do próprio valor”. No caso, o valor próprio que os Silva ainda

não identificaram em si mesmos para fazer valer o respeito a sua dignidade. Outros temas presentes na crônica incluem: o tema socioeconômico, o conflito de classes, a desigualdade social, a subserviência, a consciência social, etc.

Por meio do discurso do narrador, a construção de sentido em *Luto da Família Silva* evidencia a mensagem de que se os Silva identificarem e reconhecerem o valor, a capacidade e o potencial que têm, eles serão capazes de ter seu lugar e seus direitos respeitados, deixando de ser invisíveis aos olhos da sociedade. Desse modo, utilizando o potencial que já dispõem, teriam a possibilidade conquistarem o respeito da sociedade e de ascenderem socialmente, tendo a política como uma via para esta ascensão, de modo a alcançar os mesmos patamares dos Crespi, Matarazzo ou Guinle.

Para transmitir essa mensagem, Rubem Braga faz escolhas e utiliza de traços semânticos que levam o leitor de *Luto da Família Silva* a essa percepção, utilizando a reiteração de temas e a recorrência de determinados termos. A primeira escolha é a própria opção pelo gênero crônica, que permite um diálogo com o leitor e dá materialidade aos propósitos de sentido do autor. A opção pelo sobrenome Silva, que na memória popular brasileira está associado às famílias mais humildes, é outro caminho utilizado pelo autor para a construção de sentido.

Durante toda a crônica, também é observada a recorrência de temas e traços figurativos. A isotopia temática de “luto” resulta da retomada e/ou repetição de termos figurativos como “cadáver”, “vala”, “morto”, “corpo”, “morremos”, criando um efeito de realidade que simula o cenário de um velório ao leitor. A palavra “vala”, a título de exemplo, é mencionada cinco vezes no texto, chamando a atenção para a decadência dos Silva em oposição à ascensão das classes socialmente privilegiadas. Esse discurso se concretiza no texto pela citação das famílias que detêm privilégios e pela referência aos países considerados soberanos do ponto de vista econômico, para os quais os Silva também são subservientes:

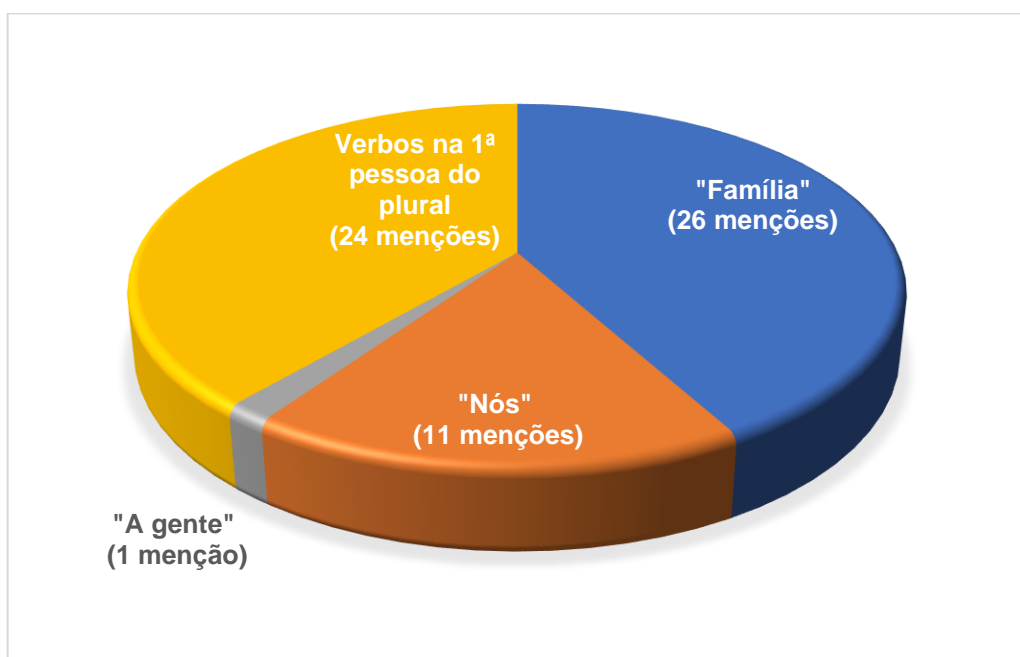
A família Crespi, a família Matarazzo, a família Guinle, a família Rocha Miranda, a família Pereira Carneiro, todas essas famílias são sustentadas pela nossa família. Nós auxiliamos várias famílias importantes na América do Norte, na Inglaterra, na França, no Japão. (BRAGA, 1982, p.100)

Pereira (2013, p.17-18) destaca que a palavra “família” aparece repetidas vezes na crônica – 26 menções ao também considerarmos o termo em seu plural, o que serve para “[...] convencer o leitor de que família Silva sempre existiu e desempenhou um papel significativo na gênese da sociedade brasileira, embora sua atuação ficasse restrita aos bastidores dos acontecimentos”.

Mais uma escolha de Rubem Braga é observada na opção pelos pronomes. No primeiro parágrafo da crônica notamos o predomínio da terceira pessoa (ele), com o sujeito da enunciação apenas relatando o episódio da morte de João da Silva. A partir do segundo parágrafo, no entanto, o sujeito passa a fazer uso da primeira pessoa do plural, com a recorrência do pronome “nós”, repetido 11 vezes no texto.

O discurso então se desenvolve de modo a ampliar a representação dos “Silva” tomando João como representante de um povo: “Nós somos os populares joões da silva. Moramos em várias casas e em várias cidades. Moramos principalmente na rua”. A ideia de coletividade também é representada pela expressão “a gente” e pelos diversos verbos na primeira pessoa do plural: vimos, somos, moramos, pertencemos, temos, usamos, trabalhamos, andamos, etc. (Gráfico 1)

Gráfico 1 – Manifestação da coletividade em *Luto da Família Silva*



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)



A mensagem da crônica se materializa, então, na ideia de que para sair do estado de opressão e alcançar a ascensão social é fundamental atuar de forma coletiva. O efeito transmitido com a opção pronominal e a pessoa do discurso (primeira pessoa do plural) é de que todos são sujeitos do discurso, todos fazem parte da família Silva e os Silva são todos aqueles marginalizados, injustiçados, insignificantes perante a sociedade. Nesse sentido, o *Luto da Família Silva* é o luto de todos nós.

### 4.3 O DESTINO DA FAMÍLIA SILVA

A crônica *Luto da Família Silva* foi republicada em 1949 com o título A família Silva. Sousa (2012) afirma que essa prática era comum à Rubem Braga, que rerepresentava suas crônicas com algumas mudanças ou como se fossem inéditas. Na versão de 1949, Braga informa em um parágrafo introdutório de que esta se trata de uma crônica antiga, que transcreve a pedido de um leitor.

Ao retirar a palavra “luto” do título de sua republicação, estaria Rubem Braga apresentando a sanção do nível narrativo da versão de 1936? Nesse caso, poderíamos sugerir que a família Silva ascendeu socialmente. O autor, contudo, utiliza a introdução para levar o leitor para dentro do texto, imprimindo, mais uma vez, a ele, a responsabilidade sobre o futuro da família Silva. A dose de esperança e o chamado à reflexão e à transformação social também são observados novamente:

O leitor me pergunta se a família Silva “continua por baixo na política”. Passo a pergunta aos senhores que estão neste momento resolvendo, ou complicando, o problema da sucessão presidencial. E faço votos para que nessa batalha política que se avizinha a família Silva seja lembrada – não para os apelos fáceis da demagogia – mas para pensamento e ação efetivos na construção de uma democracia melhor. (BRAGA, 1949)

Ao colocar o leitor dentro do texto, a construção de sentido em *Luto da Família Silva* passa também pela construção de uma visão crítica desse leitor. Descrevendo uma experiência de leitura e análises de crônicas em turmas de EJA, correspondentes à 3ª série do Ensino Médio Regular, Souza (2020) relata:

[...] quando foram expostos textos que traziam temáticas do cotidiano, fatos relacionados à pobreza, à miséria, doença, injustiça ou diferenças, sejam elas quais forem, os alunos mostraram-se muito interessados, o que parece ratificar a função humanizadora [...]. (SOUZA, 2020, p.20)

Para Candido (2011), a função humanizadora da literatura vai ainda além, estando ela diretamente relacionada aos direitos inerentes a todos os seres humanos.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade. Porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. (CANDIDO, 2011, p.188)

Acreditamos assim que, ao ser trabalhada com os alunos da EJA Ensino Médio, a crônica *Luto da Família Silva* fará com que um possível desconforto inicial com o tema abordado leve à motivação para o pensamento crítico e permita que esses estudantes disponham de novos olhares sobre suas próprias realidades.

Do mesmo modo, esperamos obter a percepção desse aluno sobre o valor da leitura na construção do protagonismo e da criticidade social, de forma que observe o texto literário como algo próximo ao cotidiano e cuja compreensão passe pelo diálogo do leitor com o texto. Assim, ao se enxergar dentro do texto, também acreditamos que esse leitor possa ter uma experiência lúdica, fonte de emoções, prazer e desenvolvimento humano.

## **5 REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Diante do conteúdo até aqui apresentado, entendemos que a crônica de caráter social *Luto da Família Silva*, de Rubem Braga, pode ser utilizada para motivar a leitura literária em alunos da EJA Ensino Médio. Para essa compreensão, consideramos o perfil dos alunos dessa modalidade de ensino, concebendo que a realidade social e o contexto de vida de muitos deles estão próximos àqueles tratados na crônica, favorecendo para que se identifiquem com o conteúdo do texto.

Destacamos, mais uma vez, que a proposta deste artigo não é a de apresentar encaminhamentos didáticos a partir da obra de Rubem Braga, mas a de provocar uma reflexão fundamentada na análise da crônica do autor, que permita ao professor organizar a sua atividade pedagógica e realizar uma mediação da prática de leitura

que desperte diferentes questionamentos nos alunos, estimulando o pensamento crítico e o interesse pela leitura.

Não sugerimos, desse modo, que os alunos da EJA Ensino Médio conheçam os conceitos em torno da Teoria Semiótica Greimasiana, mas entendemos que este conhecimento pelo professor de Língua Portuguesa pode contribuir para a eficiência do seu trabalho com as práticas de leitura e análise linguístico-discursiva deste e de outros textos, alguns já sugeridos neste artigo, sobretudo, por meio de transposições didáticas dessa teoria para a sala de aula de modo mais simples, acessível e compreensível para os alunos dessa modalidade de ensino.

Consideramos especialmente, nesse aspecto, a elaboração de propostas didáticas que evidenciem as escolhas narrativas feitas pelos autores dos textos, para as oposições semânticas presentes, as afirmações e negações existentes, as preferências pronominais e de tempo verbal, a reiteração de temas e a recorrência de termos, entre tantas outras propostas apresentadas pela Teoria Greimasiana.

Igualmente, é possível discutir a própria intertextualidade nos textos apresentados em sala de aula, como fizemos neste artigo ao mostrar diferentes obras que dialogam com *Luto da Família Silva*, muitas delas pertencentes a outros gêneros quando não a crônica, tais como o gênero musical e o poema.

Compreendemos, portanto, que essas elaborações didáticas, chamando a atenção sobretudo para o papel das escolhas narrativas para a manutenção do eixo temático e a construção de sentido no texto, possibilitariam um melhor aproveitamento da mediação por parte do professor no processo de leitura e análise de uma obra e o despertar, entre seus alunos, dos sentidos e dos efeitos dos discursos presentes no texto.

Assim, observamos que semelhante à família Silva apresentada por Rubem Braga, o público da EJA Ensino Médio – muitas vezes formado por jovens e adultos que já estão no mercado de trabalho e têm responsabilidades familiares, sociais e econômicas – frequentemente desconhece suas próprias potencialidades, ou seja, o

que podem desenvolver e/ou alcançar a partir do aperfeiçoamento de suas competências, sejam elas pessoais, humanas ou profissionais.

Conforme demonstramos na análise da crônica, *Luto da Família Silva* busca exaltar a competência dos Silva e a sua capacidade de agir para conquistar uma possível ascensão social. Como frisamos por meio de Carlos; Formiga; Inácio (2019), do ponto de vista dos alunos, a EJA é uma oportunidade para ascenderem socialmente e integrarem a sociedade letrada.

Desse modo, o professor dessa modalidade de ensino pode, e deve, despertar os alunos para as próprias potencialidades, que vão muito além da capacidade produtiva para o trabalho e inclui o potencial transformador na luta contra a exclusão social e a busca pela ascensão social e profissional.

Nessa perspectiva, cabe ao professor de Língua Portuguesa utilizar de estratégias que ajudem os alunos a reconhecerem o próprio potencial de realizar uma leitura crítica de forma autônoma, apropriando-se dessa prática para aumentar o conhecimento de mundo e desenvolver a capacidade individual e coletiva para a transformação social.

No caso da crônica *Luto da Família Silva*, esse trabalho inclui, por exemplo, identificar o olhar de cada aluno perante o texto e como ele relaciona o conteúdo da crônica ao seu contexto particular e ao mundo de forma mais ampla. Também compreende apresentar aos alunos que, por meio da leitura, em especial da leitura literária, eles dialogam com a sociedade, diálogo esse que pode ocorrer dentro ou fora da sala de aula. A leitura literária, nesse sentido, é percebida como instrumento que humaniza pela experimentação estética e pela experiência vivenciada no próprio ato de ler.

Evidenciamos aqui, mais uma vez, os pensamentos de Candido (2011, p.182), para quem “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”; e Silva, Cristiane (2016), que acentua o quanto a leitura nos torna mais humanos e nos possibilita compreender melhor os comportamentos sociais.

Candido (2011, p.188) também aborda a literatura como “instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles”, exatamente como faz Rubem Braga em *Luto da Família Silva* ao provocar o leitor e levá-lo à reflexão crítica, a fim de conduzi-lo a uma postura voltada para a transformação social.

Em turmas de EJA Ensino Médio, o professor ainda consegue valer da heterogeneidade comum entre os alunos para estimular o intercâmbio de experiências entre eles a partir do texto, como proposto por Silva, Cristiane (2016) ao promover a leitura como algo motivador pela vontade da descoberta e do compartilhamento de ideias e experiências, o que, no nosso ponto de vista, também está relacionado a uma leitura menos institucionalizada pela escola.

Em concordância com Dubiela (2011, p.28) que afirma que “a crônica desperta, mesmo sem ter a pretensão de despertar, o entretenimento e o prazer”, acreditamos ser possível que a leitura de *Luto da Família Silva* seja exercida como uma prática lúdica ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade crítica necessária para a formação de leitores mais conscientes, experientes e assíduos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática de leitura desenvolve habilidades importantes para a comunicação em diferentes esferas sociais, como o pensamento crítico, a produção de sentidos, a compreensão de mundo, entre outras. Essa atividade também é fonte de experiências estéticas e lúdicas, elementos fundamentais para o desenvolvimento das emoções, dos sentimentos e da afetividade humana.

A proposta deste artigo foi a de apresentar a crônica social *Luto da Família Silva*, de Rubem Braga, como estímulo à leitura na EJA Ensino Médio, considerando que o público dessa modalidade de ensino, formado por jovens e adultos que não concluíram os estudos no ensino regular, abandonou ou sequer desenvolveu a prática da leitura.

Durante este trabalho, buscamos discutir como *Luto da Família Silva* pode ser um recurso motivador à leitura literária na EJA Ensino Médio, defendendo o seu conteúdo como um caminho para a identificação dos alunos com o texto e, a partir daí, para a valorização da própria leitura, uma vez que os estudantes passariam a se reconhecer no interior da obra.

A partir de uma análise fundamentada na Teoria Semiótica Greimasiana e no percurso gerativo de sentido desenvolvido por ela, indicamos características na crônica que despertam os sentidos do texto e o interesse da leitura pelos alunos. Ao realizar esse percurso, pudemos identificar aspectos da obra que estabelecem diálogo com outros textos e com situações do cotidiano dos trabalhadores mais pobres, que compreendem muitos dos alunos de EJA Ensino Médio.

Acreditamos que a análise desta crônica pelo olhar da Teoria Greimasiana é uma das contribuições inéditas deste trabalho. As reflexões desenvolvidas em cada tópico apresentaram perspectivas sobre como *Luto da Família Silva* pode inspirar a leitura na EJA Ensino Médio, seja pelas características do próprio gênero, pelo caráter social da crônica, pelo perfil dos alunos dessa modalidade de ensino ou pelas escolhas narrativas do autor, responsáveis pelo modo como o sentido foi construído no texto.

Confirmamos pensamentos como o de Silva, Cristiane (2016); Silva, Enoc (2019), Souza (2020) e outros autores apresentados no decorrer deste artigo, de que a leitura como interação e diálogo com a vida é capaz de provocar novos olhares e mostrar os significados contidos no texto, preparando o leitor para ser crítico e tornando-o agente de sua aprendizagem.

Como a intenção deste artigo não foi a de apontar encaminhamentos didáticos a partir da obra de Rubem Braga, entendemos que uma exposição mais aprofundada dos conceitos aqui apresentados pode ser realizada. Nossa sugestão para uma possível continuidade deste trabalho considera o desenvolvimento de pesquisas voltadas para a área de Ensino, inclusive trabalhos futuros envolvendo a autonomia no processo de leitura e a própria Teoria Greimasiana.

Por fim, por apresentar um apanhado da Semiótica Discursiva, consideramos que este artigo também pode auxiliar o professor a ter uma observação mais apurada na preparação de sequências didáticas e na mediação das aulas de leitura. Como consequência, esses momentos se tornariam mais produtivos, com a conexão do texto com situações reais vividas pelos alunos e a condução da mediação ao entendimento dos sentidos que compõem o texto, à formação de um pensamento crítico e à satisfação pela leitura.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Braulio Alves; BARROSO, Marcia Teixeira; BATISTA, Ivanira Sales. Características de alunos na educação de jovens e adultos: desafios ao ensino de química. **Enseñanza de las ciencias**, v. 35, 2017. p. 247-252. Disponível em: <<https://raco.cat/index.php/Ensenanza/article/view/334335/425190>>. Acesso em: 25 set. 2021.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005. 92p.
- BLASQUE, Maria Garcia; PINHO, Ednéia de Cássia Santos. Efeitos de sentido em sala de aula: as marcas argumentativas em uma crônica de Rubem Braga. p.72-84. **In: GODOY, Maria Carolina de; PASCOLATI, Sonia Aparecida Vido; SIMON, Luiz Carlos Santos (Org.). Seminário Primavera dos centenários: Rubem Braga e Vinícius de Moraes**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. 336 p. Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/primaveradoscentenarios/pages/arquivos/ANAIS\\_Primavera.pdf](http://www.uel.br/eventos/primaveradoscentenarios/pages/arquivos/ANAIS_Primavera.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2021.
- BRAGA, Rubem. A família Silva. 23 jun.1949. **Portal das Crônicas Brasileiras**. Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/11479/a-familia-silva>>. Acesso em: 7 out. 2021.
- BRAGA, Rubem. **O Conde e o passarinho e Morro do Isolamento**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. 194p. Disponível em: <[https://www.academia.edu/44433497/O\\_conde\\_e\\_o\\_passarinho\\_Rubem\\_Braga](https://www.academia.edu/44433497/O_conde_e_o_passarinho_Rubem_Braga)>. Acesso em: 7 out. 2021.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. O direito à literatura. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p.171-193. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod\\_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf)>. Acesso em: 14 mai. 2022.
- CARLOS, Katyuska de Souza Maria; FORMIGA, Girlene Marques; INÁCIO, Francilda Araújo. Literatura na Educação de Jovens e Adultos (EJA): trajetória para a construção de leitores. **Revista Principia**. João Pessoa, v. 1, 2019. p. 112-121. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/0557/f95b5f995f9448037c94572705efd7c47c86.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2021.
- COELI, Raicinaluz Leila; MOLINA, Maria Fátima. **A importância do ato de ler: leitura como fator primordial no processo ensino e aprendizagem de literatura na Educação de Jovens e Adultos - EJA**. Trêm de Letras, v. 2, n. 1, 2013. 13p. Disponível em: <<http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/154/94>>. Acesso em: 25 set. 2021.
- COUTINHO, Eduardo F. A Crônica de Rubem Braga e Vinicius de Moraes. p.85-98. **In: GODOY, Maria Carolina de; PASCOLATI, Sonia Aparecida Vido; SIMON, Luiz**



Carlos Santos (Org.). **Seminário Primavera dos centenários: Rubem Braga e Vinícius de Moraes**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013. 336 p.

Disponível em:

<[http://www.uel.br/eventos/primaveradoscentenarios/pages/arquivos/ANAIS\\_Primavera.pdf](http://www.uel.br/eventos/primaveradoscentenarios/pages/arquivos/ANAIS_Primavera.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2021.

DUBIELA, Ana Karla. **Modernidade, o vento que vinha trazendo a lua** – flânerie nas cidades de R Braga e W. Benjamin. Rio de Janeiro, 2011. 164 p. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7740/TESE%20AKD%202012.pdf?sequen ce=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

DUBIELA, Ana Karla. Rubem Braga nos Anos 30: um coração ao ar livre. **Revista Estação Literária**. v.11. Londrina, 2013. p.65-83. Disponível em:

<<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art5.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2021.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 5**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. 328p. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>. Acesso em: 25 set. 2021.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 92p.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 215p. Disponível em:

<<https://doceru.com/doc/xs80cx>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIMA, Ana Lucia. O analfabetismo funcional e os não leitores: Um diálogo entre as pesquisas INAF e Retratos da Leitura sobre avanços e retrocessos na formação de leitores. p.56-65. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 5**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>. Acesso em: 25 set. 2021.

PEREIRA, Wellington Souto. **Retextualização: análise de estratégias e de mecanismos**. Universidade de Brasília, Brasília, 2013. 27p. Disponível em:

<[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9472/1/2013\\_WellingtonSoutoPereira.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9472/1/2013_WellingtonSoutoPereira.pdf)>.

Acesso em: 7 out. 2021.

RIBEIRO, Carlos. **O cronista no front: a crítica social em Rubem Braga**. 2013. 15p.

Disponível em: <[http://www.carlosribeiroescritor.com.br/novo/wp-content/uploads/2014/05/o\\_cronista\\_no\\_front.pdf](http://www.carlosribeiroescritor.com.br/novo/wp-content/uploads/2014/05/o_cronista_no_front.pdf)>.

Acesso em: 2 out. 2021.

SANTOS, Francinaldo Aprigio dos. **Uma proposta de leitura com o gênero textual crônica no ensino de língua portuguesa**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2016. 125p. Disponível em:

<[https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/22486/1/FrancinaldoAprigioDosSantos\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/22486/1/FrancinaldoAprigioDosSantos_DISSERT.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2021.

SILVA, Cristiane Araújo Rapeti. **Leitura literária na escola e a formação de leitores: contribuições do projeto Café com Livros**. Universidade Federal do

Pampa, Bagé, 2016. 220p. Disponível em:  
<[https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR\\_f8c917321c2b35447b9f66bbf9cad376](https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_f8c917321c2b35447b9f66bbf9cad376)>. Acesso em: 25 set. 2021.

SILVA, Enoc José da. A importância da leitura na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Inclusiones**. v. 6, 2019. p. 200-213. Disponível em:  
<<http://revistainclusiones.org/pdf33/16%20VOL%206%20NUM%204%20PERNAMBUCOMUNDO2019OCTUBDICIEMB19INCL.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2021.

SOUSA, Ana Maria de. **No doce das crônicas de Rubem Braga, o testemunho de um narrador de alguns fatos de 1964 a 1967, nas páginas da revista *Manchete***. São Paulo: A. M. de Sousa, 2012. 209 p. Disponível em:  
<[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29082012-094621/publico/2012\\_AnaMariaDeSousa\\_VRev.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29082012-094621/publico/2012_AnaMariaDeSousa_VRev.pdf)>. Acesso em: 2 out. 2021.

SOUZA, Mores Fernando de. **A crônica no ensino de literatura: experiências de leitura em sala de aula**. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021. 24p. Disponível em:  
<<http://200.17.114.109/jspui/bitstream/riufal/7478/1/A%20cr%C3%B4nica%20no%20ensino%20de%20literatura%20-%20experi%C3%Aancias%20de%20leitura%20em%20sala%20de%20aula.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2021.

VERGARA, Anelize. **Rubem Braga: crônica e censura no Estado Novo (1938-1939)**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014. 164p. Disponível em:  
<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/113808/000804654.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 set. 2021.

## BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

ANTENORE, Armando. O infortúnio de João Gostoso. Ago. 2019. **Piauí**. 155 ed. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-infortunio-de-joao-gostoso/>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

BOB RUM. O Silva mais querido do Brasil. **Site do artista**. Disponível em:  
<<https://www.bobrum.com.br/about-us/>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

LEITÃO, Rui. "CIDADÃO" de Lúcio Barbosa. 14 nov. 2017. **Recanto das Letras**. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/analise-de-obras/6162120>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MINOTTO, Lilian Rejane da Costa. Narrativa literária e linguística textual da canção "Construção" de Chico Buarque – Um enfoque no discurso implícito. **Inventário**. n. 23. Salvador, 2019. p. 101-112. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/29479>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

**ANEXOS**

## ANEXO A – CRÔNICA “LUTO DA FAMÍLIA SILVA”, DE RUBEM BRAGA

### LUTO DA FAMÍLIA SILVA

A assistência foi chamada. Veio tinindo. Um homem estava deitado na calçada. Uma poça de sangue. A Assistência voltou vazia. O homem estava morto. O cadáver foi removido para o necrotério. Na seção dos "Fatos Diversos" do *Diário de Pernambuco*, leio o nome do sujeito: João da Silva. Morava na Rua da Alegria. Morreu de hemoptise.

João da Silva — Neste momento em que seu corpo vai baixar à vala comum, nós, seus amigos e seus irmãos, vimos lhe prestar esta homenagem. Nós somos os joões da silva. Nós somos os populares joões da silva. Moramos em várias casas e em várias cidades. Moramos principalmente na rua. Nós pertencemos, como você, à família Silva. Não é uma família ilustre; nós não temos avós na história. Muitos de nós usamos outros nomes, para disfarce. No fundo, somos os Silva. Quando o Brasil foi colonizado, nós éramos os degredados. Depois fomos os índios. Depois fomos os negros. Depois fomos imigrantes, mestiços. Somos os Silva. Algumas pessoas importantes usaram e usam nosso nome. É por engano. Os Silva somos nós. Não temos a mínima importância. Trabalhamos, andamos pelas ruas e morremos. Saímos da vala comum da vida para o mesmo local da morte. Às vezes, por modéstia, não usamos nosso nome de família. Usamos o sobrenome "de Tal". A família Silva e a família "de Tal" são a mesma família. E, para falar a verdade, uma família que não pode ser considerada boa família. Até as mulheres que não são de família pertencem à família Silva.

João da Silva — Nunca nenhum de nós esquecerá seu nome. Você não possuía sangue azul. O sangue que saía de sua boca era vermelho — vermelhinho da silva. Sangue de nossa família. Nossa família, João, vai mal em política. Sempre por baixo. Nossa família, entretanto, é que trabalha para os homens importantes. A família Crespi, a família Matarazzo, a família Guinle, a família Rocha Miranda, a família Pereira Carneiro, todas essas famílias assim são sustentadas pela nossa família. Nós auxiliamos várias famílias importantes na América do Norte, na Inglaterra, na França, no Japão. A gente de nossa família trabalha nas plantações de mate, nos pastos, nas fazendas, nas usinas, nas praias, nas fábricas, nas minas, nos balcões, no mato, nas cozinhas, em todo lugar onde se trabalha. Nossa família quebra pedra, faz telhas de barro, laça os bois, levanta os prédios, conduz os bondes, enrola o tapete do circo, enche os porões dos navios, conta o dinheiro dos Bancos, faz os jornais, serve no Exército e na Marinha. Nossa família é feito Maria Polaca: faz tudo.

Apesar disso, João da Silva, nós temos de enterrar você é mesmo na vala comum. Na vala comum da miséria. Na vala comum da glória, João da Silva. Porque nossa família um dia há de subir na política...

*Recife, junho, 1935.*

## ANEXO B – CRÔNICA “RECIFE, TOME CUIDADO”, DE RUBEM BRAGA

### RECIFE, TOME CUIDADO

É tardinha e o bonde atravessa a Gameleira. Os mocambos estão afundados na lama. São casinhas de palha, de tábuas, de barro, de latas, e são tão sujas que parecem feitas de lixo. Estão cercadas de lama, plantadas na lama, e o chão das casinhas é lama. Quando chove — e chove dias e dias, noites e noites — a chuva entra nos mocambos", o vento escangalha os mocambos, a água afoga os mocambos. Milhares de caboclos passam a vida naquela lama. Todos são doentes. As criancinhas barrigudas e amarelas choram sentadas na lama. Os porcos entram pelos mocambos. A miséria é absoluta. A porcaria é absoluta. Quando a maré enche, cada mocambo é uma ilha de lama.

É tardinha, o trabalho acabou na cidade. Os filhos da lama voltam para a lama. A água barrenta do rio beija a lama, sobe na lama, se mistura na lama, vira lama. As criancinhas morrem, os homens estão doentes, as mulheres crescem sujas, amarelas. São operários e operárias, são retirantes que não encontraram trabalho e que apodrecem na lama.

O bonde vai correndo na tardinha fresca. O bonde atravessa a ponte. O bonde passa no meio de casas limpas, de madeiras leves. A terra tem algum húmus, os jardinzinhos de praia rebentam junto à rua.

O bonde está na Boa Viagem. O sol morreu atrás dos coqueiros. As silhuetas dos coqueiros, os recortes finos de milhares de coqueiros dançam no céu que vai ficando escuro. Casas ricas. As jangadas descansam na areia da praia. Velas retardatárias andam no horizonte. Vinde para terra, jangadas. Está na hora de dormir.

Uma linha escura do Recife corre junto à praia. As ondas morrem na areia com espumas humildes. Sobre o mar se acende uma estrelinha velha, muito pequena, muito dourada e brilhante sobre o azul que escurece.

Saltamos. Um vento vem do mar; é o vento do mar que está morrendo; está na hora do vento do mar morrer. As luzes se acendem nos postes brancos, ao longo da praia. A Pernambuco Tramways Power Company Limited é credora do governo, e por isso fornece uma luz fraca, amarela. O bondinho vem. O farol do bonde é tão amarelo, quase avermelhado, parece um sol passeando pela praia e morrendo no ar azul.

Outra vez os mocambos. Agora estão escuros. Nem a luz fraca da Pernambuco Tramways. Os mocambos adormecem no escuro, na lama. Há fome, frio lama, doença, miséria, dentro de cada mocambo. Recife, linda Recife, tome cuidado. 250 mil pessoas vivem morrendo em seus mocambos. O homem do mocambo não pode dormir porque a mulher está doente, o menino está com febre, a chuva está caindo dentro da lama do mocambo. Recife, linda Recife, da linda praia, das lindas fontes, dos coqueiros lindos, Recife, linda Recife, tome cuidado, que você se estrepa.

*Recife, junho, 1935.*

## ANEXO C – CRÔNICA “MORRO DO ISOLAMENTO”, DE RUBEM BRAGA

### MORRO DO ISOLAMENTO

O profeta mora em uma gruta do Morro do Isolamento. Os homens bebem cachaça, vinho nacional e cerveja. Compram remédios e querosene. Os homens bebem porque precisam ficar tontos. Todos, às vezes, precisam ficar bêbados, e por isso bebem. Quando as mulheres dos homens ficam desesperadas elas despejam querosene na roupa e se matam com fogo. O profeta sabe de tudo. Ele sabe que muitas famílias usam pratos no almoço e no jantar. Os pratos não são eternos. Cedo ou tarde eles se quebram. Às vezes são partidos quando a mulher está nervosa com o homem. Às vezes a culpa é de uma criança. Às vezes é de uma empregada. De qualquer modo eles se quebram; e às vezes toda a família se quebra em redor dos pratos quebrados. O profeta sabe. Ele passa a mão suja pela barba suja. Sai da gruta. Vai andando devagar. Desce o Morro do Isolamento e passeia pelos quintais miseráveis dos subúrbios de Niterói. Não, o profeta não vai roubar galinhas. Ele recolhe frascos vazios, pratos quebrados. Leva para a sua gruta os cacos, as garrafas sujas e vazias. Espalha tudo pelo chão e medita. Já possui, entre outras coisas, uma corrente de chuveiro. Achou-a no lixo. O profeta não tem chuveiro, e não pensa nunca em tomar banho. Mas achou aquela corrente e medita. O profeta às vezes sente fome. Possui uma pequena criação: uma cobra pequena e sem veneno, e um tatu enfermo. Os três vivem em boa paz na gruta do Morro do Isolamento, entre cacos de vidro, pratos quebrados, a corrente de chuveiro e meditações.

Às vezes as crianças muito pobres, os homens doentes e as mulheres feias vão ouvir o profeta. Muitos acreditam nele. Muitos não acreditam. Ele acredita. O Morro do Isolamento se povoa de crentes e descrentes. À noite, uns e outros descem o morro. O profeta faz uma festinha para o tatu. O tatu, muito enfermo, suspira tristemente. A cobra, a humilde cobra sem veneno, dá um bocejo e vai dormir. A gruta está escura. A noite lá fora está escura. Apenas existe uma luzinha tremelizando. É no cérebro do profeta. Ele passa a mão pela cara suja, pela barba suja. Na escuridão do Morro do Isolamento o profeta está se rindo devagarinho. Ele sabe de tudo. Lá na cidade, onde há luz elétrica, homens e mulheres, as garrafas se esvaziam e os pratos se quebram. A vida se quebra e se esvazia. E tudo fica sujo como a barba do profeta. Na gruta escura do Morro do Isolamento, o profeta está chorando devagarinho. Se a cobra fosse grande e feroz, e tivesse veneno mortal, ele diria:

— Vai, cobra, e morde e mata os homens ruins, só respeitando as crianças e os pobres.

Se o tatu não fosse doente e fosse enorme e terrível, ele diria:

— Vai, tatu, e cavouca a terra vil, e derruba as casas e só respeita as miúdas e miseráveis.

Mas na gruta escura do Morro do Isolamento a cobrinha sem veneno está dormindo, e o tatu está enfermo. O profeta passa a mão pela barba suja, deita na terra e começa a roncar. O ronco do profeta estremece o Morro do Isolamento, abala Niterói e o mundo.

*Rio, dezembro, 1934.*

**ANEXO D - CRÔNICA “POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL”, DE  
MANUEL BANDEIRA**

**POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL**

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da  
Babilônia num barracão sem número  
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & Estrela da Manhã**. 16.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000

## ANEXO E – LETRA DA MÚSICA “CONSTRUÇÃO”, DE CHICO BUARQUE

### CONSTRUÇÃO

Amou daquela vez como se fosse a última  
 Beijou sua mulher como se fosse a última  
 E cada filho seu como se fosse o único  
 E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina  
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
 Tijolo com tijolo num desenho mágico  
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado  
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
 E se acabou no chão feito um pacote flácido  
 Agonizou no meio do passeio público  
 Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último  
 Beijou sua mulher como se fosse a única  
 E cada filho seu como se fosse o pródigo  
 E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido  
 Ergueu no patamar quatro paredes mágicas  
 Tijolo com tijolo num desenho lógico  
 Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe  
 Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo  
 Bebeu e soluçou como se fosse máquina  
 Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música  
 E flutuou no ar como se fosse sábado  
 E se acabou no chão feito um pacote tímido  
 Agonizou no meio do passeio náufrago  
 Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina  
 Beijou sua mulher como se fosse lógico  
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro



E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
E se acabou no chão feito um pacote bêbado  
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir  
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir  
Por me deixar respirar, por me deixar existir  
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir  
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir  
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair  
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir  
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir  
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir  
Deus lhe pague

BUARQUE, Chico. **Construção**. Site Letras. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45124/>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jackeline Lima Gama

A CRÔNICA LUTO DA FAMÍLIA SILVA COMO ESTÍMULO À LEITURA NA EJA  
ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ARTIGO, apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade EAD – do Instituto Federal do ES – IFES - Campus Vitória – ES, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 5 de julho de 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Nome do orientador: Ma. Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo

*Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo*

Nome do Membro da banca 1 - Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Karla Correia Teixeira Dubiela

*Ana Karla Correia Teixeira Dubiela*

Nome do Membro da banca 2- Prof. Ma. Rosana de Castro Januário Murayama

*Rosana de Castro Januário Murayama*